



TRAJETÓRIAS BIOGRÁFICAS E MODOS DE SUBJETIVAÇÃO NAS CARTAS TROCADAS ENTRE INTELECTUAIS DA SOCIEDADE PIAUIENSE/BRASILEIRA NAS DÉCADAS DE 1980/1990

Audrey Maria Mendes de Freitas Tapety *
Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP
audrey.tapety2@hotmail.com

RESUMO: Na escrita auto referencial um novo *locus* de investigação histórica passa a ser valorizado, o espaço privado no qual as práticas escriturísticas estão delimitadas. Nesta perspectiva o trabalho com correspondências pessoais vem crescendo entre os historiadores e outros estudiosos “da história dos intelectuais”, em virtude das cartas fornecerem informações sobre o “mundo privado” destes sujeitos. Compreender esses documentos como narrativa pessoal que expressam dimensões culturais-ideológicas e experiências, é pensar na possibilidade de construção de uma autobiografia do autor das missivas. As cartas trocadas entre intelectuais da sociedade piauiense /brasileira, fontes deste artigo, tratam de assuntos referentes à sociedade, cultura, política e eventos promovidos pela Academia Piauiense de Letras e Instituto Histórico de Oeiras dos quais Possidônio Queiroz – autor das missivas em estudo – e seus interlocutores faziam parte. E sobremaneira, aspectos de suas vidas particulares, pois o que “o escritor de cartas parece querer dizer, ao apresentar uma pose de si, é simplesmente estou aqui.”

PALAVRAS-CHAVE: História – Escrita de Si – Cartas – Autobiografia

PATHS AND BIOGRAPHICAL WAYS OF SUBJECTIVITY IN LETTERS EXCHANGED BETWEEN CORPORATE INTELLECTUAL PIAUIENSE/BRAZILIAN IN DECADES OF 1980/1990

ABSTRACT: In self-referential writing a new historical research locus becomes valued, private space in which the scriptural practices are defined. In this perspective the work with personal correspondence, is growing among historians and other scholars' “The History of intellectuals”, because of the maps provide information on the "private world" of these subjects. Understanding these documents as personal narrative expressing cultural and ideological dimensions and experiences is to consider the possibility of building an autobiography of the author of the letters. The letters exchanged between intellectuals of Piauí / Brazilian society, sources of this research work, deal with issues related to society, culture, politics and events

* Doutoranda no Programa de Pós-graduação em História Social na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Bolsista da CAPES.

promoted by Piauiense Academy of Letters and Oeiras History Institute of which Possidônio Queiroz - author of the letters in study - and his interlocutors were part. And greatly, aspects of their private lives, for what "the letter writer seems to say, to present a pose itself is simply'm here."

KEY WORDS: History – Writing Itself – Letters – Autobiography

Muita razão tinha William James, filósofo norte-americano, quando disse que enquanto houvesse correio a vida teria sabor
Possidônio Queiroz

A epígrafe revela a magia representada pelas correspondências, em épocas nas quais a amizade e respeito eram cultivados por meio da comunicação epistolar. O tom confessional expresso nesses documentos pessoais, os silêncios, às vezes, indecifráveis, transformam esses textos em verdadeiras fontes de interesse e curiosidades gerais. As correspondências abordam os movimentos interiores da alma, tocam-nos, seduzindo-nos, aguçando as sensibilidades. É prazeroso navegar no universo atraente das cartas, espaço que permite autoconhecimento e um saber ouvir e perceber o outro por meio da prática da escrita.

As missivas apresentam-se como uma prática da escrita de si, que retroalimentam as relações de amizade constituídas a distância, estabelecendo um clima de afetos e sociabilidade entre os intelectuais e pessoas comuns que delas faziam uso para se comunicar. Configuram-se importantes fontes de análise para a história, em razão de possibilitar a interpretação de aspectos socioculturais de uma sociedade.

Em 2008, tivemos acesso a um arquivo inexplorado, com vasta documentação pessoal, que variava de bilhetes a cadernos de anotações, cartas, e uma biblioteca com mais de 500 títulos e 1000 volumes, aproximadamente, com abordagem variada, tais como assuntos jurídicos, político literário e historiográfico. Esse arquivo pertencia a Possidônio Nunes Queiroz,¹ falecido no ano de 1995 na cidade de Oeiras, primeira capital do Piauí, localizada a 340km da atual capital.

¹ Possidônio Nunes Queiroz nasceu em 17 de maio de 1904, na cidade de Oeiras, localizada no Centro-Sul do Estado do Piauí. Músico, escritor, professor e advogado prático (rábula), colaborador permanente do jornal **O Cometa**, membro do Instituto Histórico de Oeiras e sócio correspondente da Academia Piauiense de Letras. Publicou, com certa frequência, artigos na **Revista do Instituto Histórico de Oeiras**. Ocupou o cargo de secretário municipal de Oeiras durante vários anos.

Em meio a este acervo, demos ênfase às cartas da esfera do privado e do público. Mapeamos cartas destinadas a vários intelectuais da sociedade piauiense/brasileira e também cartas para amigos e membros da família. Contudo, as cartas encontradas com mais frequência eram as permutadas entre intelectuais da sociedade piauiense que pertenciam a mesma geração. Utilizavam esse gênero literário para fazer circular suas ideias, sentimentos e afetos, alimentando uma rede de contatos e um microcosmo de afetividades.

A troca de correspondências entre os intelectuais pesquisados criou uma rede de informações que tratavam sobre os principais debates literários e historiográficos ocorridos no Piauí e alguns Estados da Nação. Pontuava a efervescência cultural que se instalou no Brasil/Piauí nas décadas de 1980 e 1990. Informavam acerca das atividades realizadas pelas instituições das quais faziam parte, como Instituto Histórico de Oeiras, do Rio de Janeiro e da Academia Piauiense de Letras.

O exame das cartas nos permitiu observar, dentre outras, a prática do mecenato, que abrangia desde a remessa de livros, revistas e jornais até a indicação para academias. Também é possível apontar que as cartas dos personagens em questão estão marcadas pela crítica literária. No ano de 1982, foi enviada por Bugyja Brito da Fazenda Riacho Fundo, dia 4 de fevereiro, uma epístola comunicando ao confrade e colega Possidônio Queiroz que a Academia Piauiense de Letras, juntamente com a família Sousa Brito, iria publicar um livro, *in memoriam*, para homenagear Pedro Brito, tio do autor Bugyja Brito. O livro foi escrito por um grupo seletivo de literatos piauiense a exemplo de: A. Tito Filho, Ribeiro Gonçalves. Na carta, os próprios filhos de Pedro Brito comentam:

A Academia Piauiense de letras vai homenagear o meu tio Pedro Brito, no dia 19 de outubro deste ano. A data corresponde ao seu 1º Centenário de nascimento. Eu lhe pedia em artigo uma apreciação crítico/literária sobre Pedro Brito, eis que, como um escritor brilhante e filho de Oeiras, fará certamente um belo trabalho, honrando o livro.²

A missiva datada do dia 3 de setembro de 1984, por seu turno, informa sobre a prática do mecenato. Antonio Bugyja Brito solicita ao amigo Possidônio um exemplar da Revista do Instituto Histórico de Oeiras, que circulou em 1984, e reforça o pedido de elaboração de uma reportagem versando sobre a comemoração do seu aniversário de 70 anos realizado em Oeiras.

² BRITO, Bugyja. [carta] Rio de Janeiro, 03 set. 1984 Carta dirigida a Possidônio Nunes de Queiroz.

De tudo eu já lhe pedi uma reportagem – e agora estou cobrando – para figurar no meu próximo livro ‘Narrativas Autobiográficas’ vol. II. A sua reportagem será transcrita na íntegra no mesmo volume II. E que eu gostaria, acima de tudo, que saísse da sua pena excelente um trabalho honrado a sua inteligência superior e a sua bela cultura.³

Os pedidos representavam um dos conteúdos constantes na atividade epistolar; e, no caso específico dos intelectuais referendados nesta comunicação, não era diferente. Na carta destinada a Possidônio, dia 5 de fevereiro de 1988, o historiador Buggy Brito requisita ao seu correspondente que faça a distribuição do seu livro intitulado **Ecos da Comemoração de um aniversário**, e de alguns exemplares da Revista do Instituto Histórico do Rio de Janeiro que ele havia enviado pelo correio. Da mesma forma que fizera sete anos antes, após a escrita do livro **Narrativas Autobiográficas**, publicado no ano de 1977. O autor especula acerca de um pedido feito ao prefeito de Oeiras para que a Prefeitura Municipal adquirisse alguns volumes do livro citado. Ele argumentava por meio de missiva (28 de fevereiro de 1981) que:

Houve duas cartas: uma do Dr. Juarez Tapety e outra ao Dr. Waldemar. E sabe porque eu solicitei a compra de alguns exemplares? É que o meu livro trazia uma saudação a Oeiras, uma peça literária de que me ufano ter escrito em 1947. A saudação a Oeiras teve disco gravado, jornais e revistas cariocas que a publicaram, tradução para o inglês e francês etc. Pois bem, um professor da Universidade de Glasgow (Escócia), mestre nos idiomas português e inglês e meu conhecido de longa data, solicitou-me a remessa de exemplares da saudação a Oeiras para serem distribuídos na universidade... e como, no momento, eu não disponho pessoalmente de numerário, pensei em obter esse numerário através da venda do Narrativas Autobiográficas.⁴

Brito comenta ainda que não obteve respostas de ambos os representantes populares, o que tinha lhe deixado bastante contrariado. Por não ter obtido sequer resposta negativa, sua reação foi rasgar os originais de um livro escrito em inglês, nos anos de 1950/1952, sob o título: **The Municipality of Oeiras its Economy and Possibilities**. Na sequência, afirma: propaganda de Oeiras para quê? Externando seus ressentimentos com as autoridades oeirenses.

A respeito da circularidade de ideias, textos anunciados nas epístolas possidonianas, atentamos para a sua preocupação em fazer com que o livro **The Municipality of Oeiras its Economy and Possibilities** fosse lido em alguns Estados do

³ BRITO, Buggyja. [carta] Rio de Janeiro, 03 set. 1984 Carta dirigida a Possidônio Nunes de Queiroz..

⁴ BRITO, Buggyja. [carta] Rio de Janeiro, 28 fev. 1984 Carta dirigida a Possidônio Nunes de Queiroz.

País: “tenho mandado também a obra para fora de Oeiras: para Fortaleza, Recife, Anápoles etc. Mande também para o Dr. Clementino de Siqueira Moura, em São Luís”.⁵

É perceptível nas cartas uma parceria intelectual na produção literária dos dois epistológrafos. Está evidenciada, na carta de 31 de janeiro de 1981, escrita por Bugyja Brito, a cumplicidade dos personagens no momento da elaboração de seus textos. Nesse instante eles reuniam relatos pessoais acerca do tema em questão e os incorporava às suas produções.

Bugyja escreve ao amigo comunicando acerca de seu trabalho mais recente **Uma dissertação entre universitários e o senador Furtado**, expressando, via missiva, que está “aguardando, ao lado de outros trabalhos (narrações), as providências para que faça parte do livro que pretendo editar, em breve sob o título de “Desajustes e Desajustados”.⁶

O referido livro prima sobre o lado trágico da humanidade, narra sobre três casos ocorridos em Oeiras (PI), são esses:

- (1) “O assassinato do meu avô João Bugyja, o do crime perpetrado em 1907, próximo à bica, sendo protagonista Emídio Soares e Thomaz Mendes (este conhecido por afasta-boi)”.
- (2) “A morte da minha tia (fafazinha) 1899, no Angelim – propriedade dos meus tios-avós (Antônio de Sousa Brito – Maria Luiza de Freitas)”.
- (3) “A tragédia de Maria Aleluia. As três primeiras narrativas estão publicadas; e já o foram há uns três anos”.⁷

Acerca de sua produção, o autor afirma na carta que as informações oferecidas por Queiroz foram caras a seu trabalho, e o deixaram muito contente:

Fiquei satisfeito pelos informes que eu recebi em sua carta [...] a minha narração é um misto de notas, eis que há uma variação de data de existência dos que tomaram parte da conversação da farmácia minerva; é que eu juntei figuras que seriam da segunda década do século com outras figuras da terceira e quarta décadas. [...] fico aguardando as notas sobre o crime ocorrido aí (Oeiras) no século passado (o criminoso tinha menos um dedo no pé [...] Pé direito ou esquerdo? [...] Penso que o assunto dá uma boa narração.⁸

Ainda concernente ao mecenato, característica marcante nas epístolas de Possidônio e seus destinatários, podemos apontar, na carta do dia 5 de fevereiro de 1988, a expectativa de Brito em relação à indicação da filha para o Instituto Histórico de Oeiras,

⁵ BRITO, Bugyja. [carta] Rio de Janeiro, 31 jan. 1981. Carta dirigida a Possidônio Nunes de Queiroz.

⁶ BRITO, Bugyja. [carta] Rio de Janeiro, 28 fev. 1981. Carta dirigida a Possidônio Nunes de Queiroz.

⁷ Ibid.

⁸ Ibid.

argumentando a respeito das virtudes que a tornavam digna de sentar-se ao lado dos membros do Instituto Histórico de Oeiras:

ciente da eleição da Miridan para sócia do Instituto Histórico de Oeiras? Ela espera a comunicação oficial para agradecer a gentileza. A Miridan pertence a mais de uma entidade literária do país, mas como oieirense que se considera ficará muito satisfeita com o novo galardão conquistado.⁹

Miridan Knox Falci mulher pertencente ao mundo das letras, historiadora, foi da mesma forma que o pai – Buggy Brito – uma correspondente regular de Queiroz. A comunicação epistolar entre eles teve início na década de 1980 e perdurou até a morte de Possidônio em 1995. Seus trabalhos resumiram a pena sensível do velho “Possi.”.¹⁰ Ele costumava atender as solicitações da autora informando sobre o cotidiano da cidade onde nasceu – Oeiras – e intermediando as buscas por informações feitas nos cartórios da primeira capital do Piauí, mas também da experiência e da própria vivência de Possidônio Queiroz com as práticas e manifestações culturais da cidade de Oeiras.

Uma prática comum entre os intelectuais em apreço além de trocarem cartas, permutavam livros, afagos, jornais, revistas, desde que neles tivessem produções, notícias produzidas ou relacionadas a cada um deles, mas essa é uma prática comum entre os homens de letras. Os confrades além de receber os livros, recebiam também os autógrafos de cada autor. O livro publicado sob o título **Demografia Escrava no Piauí**, de autoria de Miridan, é exemplo dessa prática. Nesse caso, Possidônio, após o recebimento do livro em questão, expressa por meio da escrita epistolar toda a satisfação e admiração em relação à produção da colega, enfatizando a importância da obra para a historiografia local:

Há poucos dias recebi das mãos da professora Rita Campos mais um importante trabalho com que a caríssima escritora Miridan vem de enriquecer as letras históricas do nosso Estado. **Demografia Escrava no Piauí** é uma importante obra de pesquisa, que bem mostra o gosto e talento perquiritário da autora, capaz de arrancar dos arquivos, coisas do arco da velha, muito do gosto e admiração dos estudiosos.¹¹

Esse documento ainda traduz o respeito de Possidônio por Miridan, ao citar outras obras produzidas pela autora, a exemplo do livro **O Piauí na Primeira metade do**

⁹ BRITO, Buggyja. [carta] Rio de Janeiro, 1988. Carta dirigida a Possidônio Nunes de Queiroz.

¹⁰ “Possi” era como os amigos carinhosamente o chamavam.

¹¹ BRITO, Buggyja. [carta] Rio de Janeiro, 05 nov. 1990. Carta dirigida a Possidônio Nunes de Queiroz.

século XIX. Argumenta que tinha lido o livro várias vezes, sempre com a mesma admiração. E acrescenta:

Em tempos que se foram, afirmava-se que a mulher era menos inteligente que o homem e se diziam muitos argumentos para sustento dessa assertiva. Isso era raciocínio abusivo de rabugentos machões, sem se lembrarem eles de Aspásia, na Antiguidade, de Madame Curie nos tempos hodiernos[...]" E eu digo da Dra. Miridan neste final do século XX. Sou-lhe muito grato, imensamente grato pelas duas obras com que me presenteou. Enriqueceram, de muito, a minha pobre biblioteca, ao lado dos maiores e melhores no gênero.¹²

No recorte da carta citada há pouco é perceptível a construção de uma imagem de profissional das ideias, dotado de sensibilidade, pois, ao fazer cotejamento da autora das obras às mulheres intelectuais em tempos outros, se expõe como sujeito que parecia contrário ao discurso que regulamentava a sociedade em que nasceu e cresceu, cujas funções e papéis sociais femininos engessavam a mulher no mundo privado, donde os afazeres domésticos e o cuidado com os filhos e a casa bastavam à plena realização do gênero feminino.

O exercício da atividade intelectual e treino mental o consagravam como personagem que tinha a capacidade de apreensão e manipulação de ideias e da realidade social. A sua capacidade de percepção, em certa medida, permitia formular algumas críticas a sociedade patriarcal na qual e em cuja realidade o reconhecimento da mulher que se dedicava às letras, à produção do conhecimento, ainda era muito pálida.

Miridan correspondia a essa deferência, prestigiando-o com o costumeiro interesse por suas palestras, escritos e longas horas de conversa. Embora morando no Rio de Janeiro, sempre visitava Possidônio, para aprender com ele coisas da história da cidade, das famílias mais ilustres, hábitos costumes, lazer e vida, a pedido dela, para acréscimo de informações em suas pesquisas.

Na missiva datada de 12 de outubro, Miridan agradece a Possidônio pelo envio de escritos seus:

Agradeço-lhe os artigos que fez sobre o homem que dava leite e sobre o nosso Mafrense. O primeiro é um conto maravilhoso, bem escrito, leve, agradável de ler, e que, certamente citarei em minha tese. O segundo é um trabalho de fôlego, de historiador que também desconhecia...Gostaria de receber mais trabalhos seus e de outros

¹² BRITO, Buggyja. [carta] Rio de Janeiro, 05 nov. 1990. Carta dirigida a Possidônio Nunes de Queiroz.

historiadores oeirenses. Número de jornais velhos de Oeiras, como esses dois que me enviou, são-me muito úteis.¹³

Possidônio foi um sujeito de conhecimento reconhecido, pelos pares e pela sociedade oeirense/piauiense, como personagem que, desde cedo, esteve preocupado com a produção e mediação cultural em sua terra natal – Oeiras – PI. Um homem engajado, atento aos ritmos variados do tempo e as transformações ocorridas na sociedade em que viveu. Ganha *status* de intelectual devido ao seu “engajamento individual - um investimento psicológico, ao mesmo tempo teórico passional, que pode ser qualificado, se quisermos de vocação”.¹⁴

A vocação de Possidônio era manifestada por meio de seus escritos. Com frequência, era convidado a redigir e proferir discursos, em homenagem a figuras ilustres da sociedade piauiense, em solenidades comemorativas. Ele traçava um perfil do convidado, e tecia comentários que enalteciam a personalidade e a trajetória do homenageado. Os discursos que consagraram Queiroz como sujeito das letras tratavam de temas diversos, como datas comemorativas de fatos históricos, festividades sobre a cultura local, mensagens natalinas etc.

Possidônio Queiroz foi o autor do discurso de saudação ao Dr. Antônio Bugyja Brito, proferido no dia 21 de maio de 1987, às 22 horas, no Centro de Cultura de Oeiras. Naquela ocasião, a cidade, através do Instituto Histórico de Oeiras, estava recebendo o filho ilustre que voltava à terra mãe. Vejam como Queiroz iniciou a saudação:

Exmo. Sr. Dr. Bugyja Brito!

Estremece, arritmicamente, no descompasso das grandes emoções, o generoso coração de nossa terra. Sacode-a, a grande alegria de acolher, amável, o filho ilustre, o escritor festejado, que daqui saiu criança, e que agora revê, depois de tantos anos, com a cabeça coroada de lauréis, pelas incontáveis e merecidas vitórias colhidas no campo da cultura e das letras. A terra mãe rejubila-se com este encontro. E deixa de ser hoje, a doce velhinha de cabelos brancos, como na frase de um outro seu ilustre filho, para apresentar-se – matrona a venerável – de cabelos apenas ligeiramente grisalhos, pois a alegria, o júbilo intenso fizeram-na remoçar anos e anos[...].¹⁵

¹³ FALCI, Miridan Knox. [carta] Oeiras, 23 nov. 1990. Carta dirigida a Possidônio Nunes de Queiroz.

¹⁴ LECLERC, Gérard. **Sociologia dos intelectuais**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Unisinos, 2004. p.12.

¹⁵ QUEIROZ, Possidônio Nunes de. Discurso proferido em homenagem a Antonio Bugyja Brito em Oeiras no dia 21 de maio de 1987.

Noutra oportunidade, Possidônio Queiroz foi indicado pela Academia Piauiense de Letras e pelo presidente do Instituto Histórico de Oeiras para saudar Luís Carlos Prestes. A articulação das duas instituições culturais chegou a Possi através de um jornal editado em Teresina. Uma carta deste respondendo a Arimatéa Tito Filho denuncia isso: “Estou acusando em meu poder a sua missiva de 07 do corrente mês. Ciente e muito grato pela comunicação de que o líder LUIZ CARLOS PRESTES estará aqui, em Oeiras, no domingo, 26 deste mês de julho”.¹⁶ Na mesma correspondência registra que tomou conhecimento através de visita à sua residência, do presidente do Instituto Histórico de Oeiras, Ferrer Freitas e da professora Rita de Cássia Campos de que Prestes estaria acompanhada de sua filha Anita Leocádia Prestes.

Em carta de Possidônio, datada de 20 de julho de 1987, endereçada a Arimateia Tito Filho, foi registrado que:

Sucede que, nesses dias, apesar de mole, como disse acima, estou sem haver solicitado, incumbido de uma tarefa difícil, nada fácil. Vem ao Piauí a convite da Academia Piauiense de Letras, do Instituto Histórico de Oeiras e da Prefeitura Municipal de nossa terra, o líder Luís Carlos Prestes. Sem o saber fui indigitado para o saudar. Tomei conhecimento da indicação do meu nome pela leitura de nota publicada em o Jornal O Dia, que, aliás, já publicou, em mais de um número, notícia a respeito, sempre dizendo que ele será saudado, em Oeiras por Possidônio Queiroz.¹⁷

Queiroz buscava, por meio da experiência e do vivenciado, histórias que despertavam o interesse de seus correspondentes. Como recordador, se valia da memória lembrada, e ia morosamente significando alguns fatos, os quais eram narrados com propriedade. As matérias abordadas em seus textos tratavam, entre outros, dos costumes, comportamentos e hábitos dos oeirenses.

Ecléa Bosi é uma autora na qual ancoramos nossas reflexões acerca das lembranças individualizadas em relação à memória comunitária, para demonstrar como o titular do arquivo guardava e transmitia suas lembranças de forma individualizada, as quais iam sendo (re)significadas a cada novo escrito. Nesse sentido, a autora argumenta que “o modo de lembrar é individual tanto quanto social: o grupo transmite, retém e

¹⁶ QUEIROZ, Possidônio. [carta] Oeiras, 20 jul. 1987. Carta a Arimatéa Tito Filho.

¹⁷ Ibid.

reforça as lembranças, mas o recordador, ao trabalhá-las, vai paulatinamente individualizando a memória comunitária no que lembra e no como lembra”.¹⁸

Em sua narrativa, Possidônio sinaliza a importância de suas lembranças para a história do Piauí. Apesar de idoso, cumpria o papel que o envelhecimento propicia ao homem, o de contar, transmitir certos conhecimentos experiências. Quando ele narra à Miridan a respeito de certos hábitos da Oeiras velha, como os convescotes que eram os passeios realizados aos domingos, às chácaras dos mais abastados, localizadas na zona rural da Velha Capital, ou seja, as excursões festivas no campo, levando cada um ou cada grupo suas próprias provisões – o que hoje conhecemos por piqueniques. Miridan argumenta, em texto enviado a ele, acerca de suas impressões, sobre seu vasto conhecimento, alegando que seus informes eram como bálsamos de carinho e ternura no dia a dia de suas pesquisas. “Escrever a História de Oeiras, com essa paixão pela vida e pelo ser humano, como o amigo faz, transforma a aridez dos fatos em poesia, em sonho. Por favor, brinde-me mais com as coisas de Oeiras. Sou daqueles que não conhecem nem a palavra convescote!!!”.¹⁹ Nesse sentido, concordamos com Ecléa Bosi, para quem “a conversa evocativa de um velho é sempre uma experiência profunda e repassada de nostalgia”.²⁰ Cabe então pressupor que Possidônio foi um sujeito que, de alguma forma, não permitiu ter suas lembranças espoliadas por uma sociedade cujo foco é fazer perder a crônica da família e do indivíduo por meio da opressão econômica sobre o sujeito.

Foi um indivíduo cujo treino mental transformava suas atividades rotineiras em um exercício da escrita, no qual incluía até os domingos de carnaval, quando se isolava em seu gabinete na Prefeitura municipal de Oeiras, onde exerceu o cargo de secretário municipal, para escrever cartas aos amigos e parentes, tendo sempre como mote os eventos ocorridos em Oeiras; para tanto, valia-se de sua privilegiada memória.

Ecléa Bosi anota que:

Reconduzindo a memória à dimensão de um trabalho sobre o tempo e no tempo, dando ao trabalho da velhice uma dimensão própria, e desdobra a tríade (memória, trabalho e velhice), e aponta para uma nova

¹⁸ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p. 31.

¹⁹ FALCI, Miridan. [carta] 08 nov. 1987. Carta enviada a Possidônio.

²⁰ BOSI, 1994. op. cit.

possibilidade de relação com o velho, fazendo despontar, num horizonte, a figura laboriosa da velhice, trabalhando para lembrar.²¹

Pensando a memória como trabalho, Possidônio, a partir de suas reminiscências e vivências, vai descrevendo também sobre os banhos de rio, o carnaval, os batizados, as serenatas; enfim, aquilo que suas lembranças lhe possibilitavam contar.

As missivas referendadas nessa pesquisa fazem parte e expressam o *habitus*,²² ou seja, comportamentos regidos por valores próprios de uma dada época ou grupo social no qual se inserem ações individuais, em um jogo entre indivíduos e contexto, que constitui a dimensão da individualidade. Possidônio vai selecionando momentos significativos, que foram culturalmente construídos e internalizados ao longo da sua vida; vida que, por ser fragmentada, coloca as experiências em uma temporalidade que varia entre o contínuo e o descontínuo.

Referindo-se muitas vezes às suas recordações e ao cotidiano de sua terra natal, conforme mencionado, o missivista escrevia para atualizar seus interlocutores. Uma carta destinada à historiadora Miridan Falci informa sobre o dia a dia de Oeiras. Recorre às lembranças, em razão da escassez das fontes acerca do objeto de estudo da correspondente. Em virtude disso, rabisca um breve texto com informações acerca dos assuntos de interesse da historiadora, e encaminha por meio da carta, datada dia 12 de novembro de 1990, narra: “ainda do interesse da colenda conterrânea, a saber, dos velhos costumes da terra onde nasceu o nosso estimado Bugyja Brito. Somente para obedecê-la, rascunhei alguma coisa, que, certamente, já é do seu conhecimento”.²³ Narrou de forma breve sobre as novenas de Oeiras, revelando que, nas duas primeiras décadas do século XX, a Igreja era local de encontro religioso e social, uma vez que, na cidade, não havia luz nem praças, nem clubes sociais, nem áreas de lazer.

Relata também sobre a exclusão feminina da folia de Momo, pois esta era uma festa exclusivamente do universo masculino. Sobre os convescotes, argumenta que poucos, à época da escrita da missiva, conheciam o significado do termo, esclarecendo aos leitores o sentido do vocábulo. Ressalta, da mesma forma, os passeios no Morro da

²¹ BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade: lembrança dos velhos**. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994, p.20.

²² BOURDIER, Pierre. 1998, p. 183-191. A ilusão biográfica In: FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1998. p. 183-91.

²³ QUEIROZ, Possidônio Nunes de Queiroz. [carta] Oeiras, 12 nov. 1990. Carta dirigida a Miridan Knox.

Sociedade aos domingos. Sobre os bailes, menciona que eles eram realizados em casas particulares e no edifício da Prefeitura, por não haver clubes sociais na cidade. Nessas ocasiões, as danças preferidas eram a valsa, o xote, a mazurca e a quadrilha. O homem dançava afastado.

Gisele Venâncio afirma que o

O ato de escrever cartas vincula-se diretamente às experiências vividas pelos indivíduos, representando a comunicação epistolar uma das mais claras formas de escrita subjetiva e existencial. A carta é um instrumento de configuração da própria identidade. Por meio dela, o autor se constrói para o leitor, mesmo inconscientemente.²⁴

É possível capturar através das cartas de Possidônio o lapidário de si, agora, como conhecedor e apreciador das artes. Os documentos pessoais desse sujeito sinalizam as sensibilidades que permeavam a atividade epistolar. O seu espírito artístico e poético integra a maioria de seus textos. A magia da arte, sobretudo a arte grega, e os encantamentos da música suscitaram em Queiroz inspiração na edificação de si. Deste modo, pode-se constatar a consagração de um auto-retrato que traduz uma alma estonteante e entusiasmada com o belo e com o estético. Interessa aqui registrar a narração a seguir:

No sentido restrito como disse (e bem), a arte seria apenas ‘a expressão do belo e do estético’. De feito, há arte, e transcendente, no paganesco de uma arcada de violino, em que o artista põe no instrumento em vibração, toda a paixão ardente de uma alma em delírio já se traduz um momento de anagogia lírica; já se expressa o sofrimento de um esforço criativo, ou então a dor de um coração em frangalhos.²⁵

Continua comentando:

A arte, porém, tem seu sentido lato, como bem o disse e ressaltou o caro amigo. E então tudo é arte. E eu o creio perfeitamente. O oleiro que modela o vaso, que faz uma bilha, um pote executa arte, faz obra de arte. O povo na sua sabedoria chama de artista aos que mourejam e ganha pão cotidiano, no exercício das mais humildes profissões [...].²⁶

Uma observação pode ser extraída desta carta, um sentimento que perpassa a apreciação da arte universal, quando ele, em outros trechos dessa mesma missiva, se referiu à estátua grega “Vênus de Milo”, como arte pura, passível de contemplação;

²⁴ VENÂNCIO, Giselle Martins. Cartas de Lobato a Vianna: uma memória epistolar silenciada pela história. In: GOMES, Angela de Castro (Org.). **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.124.

²⁵ QUEIROZ, Possidônio. [carta] Oeiras, 21 jan. 1984. Carta a Francelino Araújo.

²⁶ Ibid.

porém, o que há de valorosa em sua escrita é o enaltecimento à produção cotidiana de trabalhadores oeirenses, ao perceber na confecção de objetos utilitários, feitos por artesãos, uma enorme beleza e graciosidade.

É relevante, nesses documentos pessoais, a forma como o autor das missivas vai engendrando uma identidade, agora associada à vocação que Queiroz sempre teve pela música. Desde pequeno, aprendeu a tocar flauta, compôs valsas que encantou gerações. Na juventude, era convidado por conterrâneos a participar de movimentos culturais em Oeiras. Sua presença animava os eventos com belas melodias compostas por ele. Tinha, conforme dito, vocação para a música; passava parte do seu tempo com o instrumento de sua paixão – a flauta – tão grande era seu amor por este instrumento. Descobriu, por si só, métodos que até então não eram escritos no Brasil. Seu primeiro mestre foi Jeremias Rodrigues dos Santos – Diretor da Banda Triunfo – e, posteriormente, o professor João Rego.

Conceição Tapety afirma que, quando criança, ainda residindo na cidade de Oeiras, costumava escutar as serenatas realizadas por Possidônio.

Queiroz me despertava para apreciar a beleza do som de sua flauta, os moradores acordavam a cidade acordava. No entanto silêncio total. No ar apenas o som da flauta de Possidônio. Lembro-me bem: os sons vinham de longe, suaves, plangentes, harmoniosos. Suas serenatas foram um marco na história de Oeiras, e se os oeirenses aprenderam a amar a música e vão passando esse gosto de pais para filhos devem muito àquelas horas inesquecíveis de rara beleza e total deslumbramento.²⁷

O talento desse músico atingiu o imaginário popular na cidade de Oeiras. Conta-se que, certa noite, quando Possidônio tocava acompanhado ao violão por um amigo, um jumento foi-se aproximando e ficou inerte a ouvir a música tocada por eles, como se estivesse encantado pelo som que provinha do doce instrumento; e ficou ali horas e horas, até que saíram para tocar em outra rua. E o animal os acompanhou e ali ficou parado, escutando até os últimos acordes da música.

Entre os documentos pessoais de Queiroz, uma carta me chamou bastante a atenção. Era uma carta curtinha datada de 11 de fevereiro de 1973, ano em que a envia a seu filho mais velho, Raimundo Queiroz, residente no Rio de Janeiro, o instrumento musical que o havia acompanhado a vida inteira: a flauta. O estilo de escrita empregado

²⁷ SILVA, Conceição de Maria Freitas Tapety e. Apresentação. In: **Possidônio Queiroz: memória piauiense**. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995. p. 5.

nesse texto não havia sido reconhecido nas correspondências rastreadas até então. Estilo poético, romântico e metafórico. Essa carta afetou meus sentidos, aconchegando minha alma como a brisa leve das manhãs de junho em Oeiras (PI), a terra de Possidônio e da autora deste texto.

A manifestação de afeto que Possidônio declara, na carta, ao instrumento musical, a forma carinhosa como ele se expressava em relação à flauta era de tal modo intenso, que me fez ler e reler a missiva amiúde. Lembrei-me na sequência de algo que eu havia lido sobre a memória das coisas e da dor – um texto de Peter Stallybrass intitulado “O Casaco de Marx: roupas, memória, dor”.²⁸ A carta, assim como o ensaio inspirador, mencionado há pouco, fizeram refletir sobre nossa relação com as roupas, e com as coisas em geral.

Logo no início da carta, Possidônio Queiroz narra sobre o estado físico da flauta: estava velha e desgastada pelo uso; destaca também que já fazia algum tempo que não a manuseava. Relata ao filho que as sapatilhas do instrumento pareciam ainda estar em bom estado; alerta-o, então, que não deveria mudá-las. Antes de embalá-la para enviar ao Rio de Janeiro, permite que os netos brinquem com o instrumento musical, fato que se transformou em festa, uma vez que cada um podia sentir a doçura da flauta, cada um queria dar uma sopradinha. O Carlinhos de tanta empolgação construiu uma flautinha de brinquedo com um pedaço de cano encontrado no quintal. Parecia tão familiarizado com instrumento que fez Possidônio comentar na carta enviada a Raimundo que o neto tinha talento musical. Informa ainda sobre o interesse de Carlinhos pela flauta, que vai procurar um professor de música em Oeiras para iniciá-lo nas pegadas da deusa da música.

Em várias cartas enviadas por Possidônio a seus filhos e amigos, o enfoque dado ao tema música e a sua paixão pelo instrumento flauta eram visíveis, assim como a influência que exerceu as gerações no gosto por essa arte. No seio familiar, poucos negligenciaram essa atividade.

A afeição pela música e a influência sobre os filhos e netos pode ser identificada também em outros textos epistolares. O filho mais velho de Possi, Francisco Queiroz, que morava no Rio de Janeiro, escrevia sempre ao pai informando acerca de seu apego e dedicação ao instrumento. Ele não frustrou o pai. Deu continuidade às atividades que

²⁸ STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupas, memória, dor**. 4. ed. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

envolviam a relação com o instrumento. No dia 7 de junho de 1975 redige carta comentando sobre os momentos livres que tinha, após o término do Curso de Teologia, e que destinava ao uso da flauta:

tenho soprado na flauta o quanto posso remindo o tempo. Na Igreja tenho feito ouvir-se o seu som. Já domino os graves e agora sinto como são doces como mel. Com o termino do curso, tomarei uns dois meses de mais dedicação a este instrumento tão maravilhoso. Ficando o sopra muitos se alegram e dizem que instrumento de som agradável. Digo-lhes: se vocês tivessem a oportunidade de ouvir como meu pai soprava, receberiam o de Deus no nosso interior.²⁹

O amor de Possidônio pela música era imensurável, ele externava aos amigos os sentimentos por essa arte, através da comunicação epistolar. Com o amigo Francelino de Sousa Araújo, comenta sobre uma composição intitulada **O Messias** de Handel. Considerava-a divina a ponto de ouvi-la de joelhos dobrados, argumenta que

o autor fugiu da terra, em remígios admiráveis para poder conceber e escrever tão sublime composição... Logo que recebi **O Messias**, convidei o Dr. Machado, meu velho compadre e companheiro de leituras e de lutas, e o compadre Cícero, e nos alheamos em uma sala, em que pusemos a mais uma cadeira, onde simbolicamente víamos o querido Francelino. Expliquei-lhes o sentido da cadeira sem ocupante, lembrando-nos de que havíamos lido que no Rio, durante muito tempo, se conservou vazia, em certo cinema, cingida por uma corrente, a cadeira em que o Grande Rui Barbosa costumava sentar-se. Em um ambiente assim, ouvimos Handel, comovidos, e agradecidos ao caro conterrâneo.³⁰

Não satisfeito em compartilhar presencialmente a bela canção, em um ritual quase sagrado, realizado em casa, na companhia de amigos mais próximos, ainda repartiu essa alegria com pessoas com as quais se relacionava, enviando a gravação da música para a Profa. Eva Feitosa, também ao Padre David e ao Sr. Raimundo Barroso.

Sobre “o arquivamento do eu”,³¹ afirma que, em meio às correspondências recebidas, jogamos algumas diretamente no lixo, outras são conservadas durante certo tempo, outras enfim são guardadas; ou seja, fazemos uma seleção. Guardamos cópia de algumas, seja em razão do seu conteúdo, seja em razão do seu destinatário.

²⁹ QUEIROZ, Raimundo. [carta] 07 jun. 1975. Carta enviada a Queiroz.

³⁰ QUEIROZ, Possidonio. [carta] 26 nov. 1979. Carta enviada a Francelino Sousa.

³¹ ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a Própria Vida/Escrita de si /Escrita da História. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, 1998.

Em uma autobiografia, a prática mais acabada desse arquivamento, não só escolhemos alguns acontecimentos, como os ordenamos numa narrativa. A escolha e a classificação dos acontecimentos determinam o sentido que desejamos dar às nossas vidas.

Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social à imagem íntima de si próprio, e, nesse sentido, o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.

Possidônio inegavelmente foi um sujeito muito disciplinado e organizado; suas cartas eram duplicadas e selecionadas em pastas, classificadas por destinatário e periodicidade. Podemos constatar por meio das missivas analisadas que a prática da construção de si deslindava uma imagem de musicista na qual reunia algumas virtudes como a construção de um método para ajudá-lo na sistematização das partituras. Sempre muito dedicado e inspirador, envolvia aqueles que estavam por perto. O filho Francisco foi uma dessas pessoas, mesmo morando fora de Oeiras, era uma espécie de comparsa do pai, no que se refere às atividades relacionadas à música. Pedia sempre ao filho que mandasse do Rio de Janeiro discos com composições que pudessem lhe auxiliar no aprendizado com a flauta. Em carta do dia 26 de novembro de 1979 o filho escreve: “não esqueci o disco que lhe prometi de algum bom flautista, já que talvez não consigamos do grande Patápio e Silva”.

O amor de Possidônio pela flauta pode ser mensurado a partir da década de 1920, quando da passagem da Coluna Prestes por Oeiras. Naquela ocasião, o músico foi convidado pelos “revoltosos” paulistas e gaúchos para tocar nas tertúlias promovidas nas noites em que o comando da Coluna acampou na primeira capital.

Aquele tempo nos dedicávamos aos estudos da flauta, este belo instrumento em que o maestro Patápio Silva imitava os pássaros, em que Altamiro Carrilho é o grande no Brasil, na hora presente, em que Jean-Pierre Rampalé talvez, o maior no mundo de hoje. Tocávamos flauta mais para ruim que para sofrível [...] Os moços revolucionários souberam que amávamos a música. Resolveram fazer uma tertúlia sonora em casa do musicista Santos Polidoro.³²

Pode-se concluir que Possidônio Queiroz foi um homem que vivia para as ideias ou das ideias, alimentava-se das discussões que envolviam variados temas, um ser híbrido, ator engajado nos assuntos da vida pública, e na produção e mediação cultural.

³² SILVA, Conceição Freitas Tapety e. Apresentação. In: **Possidônio Queiroz: Memória piauiense**. Teresina: Fundação José Elias Tajra, 1995, p.5.

Por sua condição plural, ultrapassava o campo da competência profissional, versando a respeito de coisas em que não era *expert*, mas em relação as quais se julgava conhecedor.

As correspondências de Possidônio, destacadas nessa comunicação, permitiram que obtivéssemos informações sobre as subjetividades e sensibilidades do autor no que tange ao relacionamento com amigos, com intelectuais da sociedade piauiense e especialmente com a música. As cartas reiteram a devoção pelo instrumento e sensibilidade musical de Queiroz. Ele registra nas missivas sua preocupação com o despertar do talento musical dos filhos, netos(as) e a perpetuação do espírito musical na família. Sua neta, Vanda Queiroz, tornou-se, como o avô, respeitada musicista em Teresina, compondo e cantado nas noites da cidade verde.

Como documento de certo tempo e lugar, as cartas de Possidônio revelam o interesse dos oieirenses pela arte de compor, tocar e cantar. Tomamos como exemplo um grupo de mulheres que se dedicam à arte de tocar bandolins, na Velha Capital. São senhoras que seduzem a todos os que se permitem parar um instante e ouvi-las. São pessoas que, como Possi, provocam em nós sentimentos de amor e paz ao tocar seus instrumentos.

RECEBIDO EM: 04/11/2014

PARECER DADO EM: 15/02/2015

